

A mulher na História: uma análise do conto *Colheita*, de Nélida Piñon

Woman in History: an analysis of the tale *Colheita*, by Nélida Piñon

Dinameire Oliveira Carneiro Rios

Universidade Federal da Bahia/Universidade do Porto/CAPES
dina_meire@hotmail.com

Palavras-chave: conto, mulher, leitura, gênero, identidade, *Colheita*.
Keywords: tale, woman, reading, genre, identity, *Colheita*.

Uma breve introdução

A famosa frase da filósofa Simone de Beauvoir, “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, presente no início do segundo volume d’*O segundo sexo*, visa esclarecer as imposições de ordem sociais a que o sujeito do sexo feminino está exposto logo após o nascimento e como a designação do “ser mulher” se elabora através das diferenciações sociais em contraponto ao oposto disso. Ao retomar as considerações que Engels faz em *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, Beauvoir ratifica que foi destronando a mulher que o homem conseguiu se realizar e ele aproveitou do privilégio biológico para manter-se sozinho como um sujeito soberano, sem nunca abdicar desse privilégio ou partilhar com a mulher, que passou a desempenhar o papel de ídolo ou de escrava, condenada então a exercer a função do Outro.

Sem que “o triunfo do patriarcado” (Beauvoir, 2009, p. 99) fosse o resultado do acaso ou de uma violenta revolução, o homem delega à mulher a condição de ama, de mãe, sem que seu trabalho fosse equiparado ao produzido pelo homem ou valorizado por ele, que sozinho porta os direitos e é capaz de transmiti-los. Ao analisar essa transformação operada nas sociedades primitivas, Beauvoir (2009) retoma a peça *Eumênides*, de Ésquilo, para exemplificar a propagação de que a mulher apenas existiria como uma serva no processo de concepção do filho: “Não é a mãe que engendra o que se chama filho, ela é apenas a nutriente do germe deitado em seu seio: quem engendra é o pai. A mulher, como um depositário alheio, recebe o germe e, aprazendo aos deuses, o conserva” (Ésquilo apud Beauvoir, 2009, p. 99). Embora a necessidade para a reprodução seja da união

dos elementos feminino e masculino, recaem sobre o homem os mecanismos de controle sobre o casal, submetendo as vontades da mulher aos domínios dele.

Com a consolidação do capitalismo e todas as transformações culturais, políticas e econômicas que isso trouxe para o século XIX, houve alterações significativas nas relações sociais, o que conseqüentemente abriu mais espaços e possibilidades de vivências para a mulher. Muitas delas abandonaram o campo e passaram a assumir funções em fábricas e indústrias, o que remodelou o cenário urbano e ofereceu novas alternativas de convivência social. Porém, no campo intelectual, por exemplo, ainda não era facilmente facultada a sua atuação, pois se enxergava a mulher como dotada de uma inteligência inferior ou incompatível à do homem. A educação recebida se vinculava fortemente aos padrões de comportamento esperados e à preparação para o matrimônio. Os iluministas chegaram a afirmar no século XVIII que a educação a ser ministrada para as meninas deveria ser como “luzes amortecidas”. Jean-Jacques Rousseau, em *Emílio ou da educação* (1762), um dos seus tratados inacabados sobre educação, mais especificamente no quinto livro, *Sofia ou a mulher*, foi categórico ao dizer que tudo que fosse ensinado às mulheres deveria ser relativo aos homens, assim, “Agradá-los, ser-lhes úteis, fazer-se amar e honrar por eles, criá-los, cuidar deles depois de crescidos, aconselhá-los, consolá-los, tornar-lhes a vida agradável e suave: eis os deveres das mulheres em todos os tempos, e o que se deve ensinar-lhes desde a infância” (Rousseau apud Perrot, 2007, p. 92). Embora com certa raridade, no Brasil do século XIX, algumas mulheres chegaram a exercer o papel de leitoras e escritoras para alguns jornais e revistas, porém, muitas delas, visando uma melhor aceitação de seus textos e ideais, utilizavam pseudônimos masculinos, o que acusa o tratamento e a recepção que a escrita feminina tinha à época.

Despossuídas de uma educação formal e presas a uma estrutura social conservadora, machista e patriarcal que as submetia e as inferiorizava, as mulheres tiveram a sua história e trajetória contadas através do discurso masculino, que construiu inúmeros estereótipos sobre o sexo feminino e que relegou às mulheres os papéis secundários nos registros ficcionais e sociais. Sobre os perigos e equívocos gerados pelo estereótipo, Homi Bhabha afirma que ele não é “simplificação porque é uma falsa representação de uma dada realidade. É uma simplificação porque é uma forma presa, fixa, de representação” (Bhabha, 1998, p. 117). O que, nesse caso, reduziria o comportamento feminino a determinados perfis e padrões construídos pelo sexo masculino. Ao analisar essa condição de silenciamento e apagamento da participação feminina na construção de um discurso sobre si, Zolin (2004) assegura que hoje a crítica feminista tenta mostrar como

é recorrente o fato de as obras literárias canônicas representarem a mulher a partir de repetições de estereótipos culturais, como, por exemplo, a da mulher sedutora, perigosa e imoral, o da mulher como megera, o da mulher indefesa e incapaz, e entre outros, o da mulher como anjo capaz de se sacrificar pelos que a cercam. (Zolin, 2004, p. 170)

Além da construção de estereótipos e do perigo da unitariedade do discurso masculino, hegemônico e que é tido como referência, há também em jogo a questão da representatividade e da ausência de uma subjetividade feminina

que é excluída devido a mecanismos sociais que expurgam para a margem vozes que não são legitimadas socialmente para serem ouvidas. Ao analisar as formas de representação do sujeito subalterno no ocidente, Spivak (2010) constata que há dois sentidos para a palavra “representar”: representar como “falar por” e representação como “re-presentação” e eles estão imbricados entre si, embora descontínuos, e por isso, o sujeito precisa agir e falar, sendo o discurso também uma ação. Assim, a autora questiona em sua obra a invisibilidade e a possibilidade e implicações de falar pelo Outro que é representado por um Eu que foi autorizado socialmente para tal. Ao analisar a violência epistêmica que é construída como tática para invisibilizar e neutralizar a validade do discurso do Outro, Spivak (2010) afirma que a mulher é vítima das manobras ocultas que são construídas para emudecer e destituir alguns sujeitos da possibilidade de representação.

Desta forma, ao ser representada através do discurso masculino, a mulher não somente se submete a padrões, perfis superficiais e ao ditame de comportamentos, mas também destituída do direito de se autorrepresentar, de expor a sua subjetividade e experiências de vida, de se constituir enquanto sujeito participante da vida social, enfim, de todo o poder que o discurso é capaz de conferir. Ao analisar o processo de exclusão ao qual a mulher foi submetida dentro do cânone literária, Schmidt (2016) afirma que

Pelo viés de gênero, a exclusão, historicamente, operou no campo institucional da literatura por meio de práticas políticas no campo do saber e no mundo real que, sob a forma de norma cultural, privilegiaram o estilo de produção do sujeito hegemônico da cultura, o sujeito declinado no masculino. (Schmidt, 2016, n.p.)

Através da literatura, espaço privilegiado da representação e da articulação de valores culturais, é possível acompanhar as transformações pelas quais a imagem da mulher passou ao longo dos séculos.

A mulher sujeito de si

No conto “Colheita”, publicado inicialmente em 1973 como parte integrante da coletânea *Sala de Armas*, composta por outras 15 narrativas contísticas, é possível perceber como os papéis sociais são construídos e de que forma a personagem feminina consegue desestabilizar os estereótipos acerca da mulher no que diz respeito à edificação de um discurso válido frente às experiências vividas. A narrativa apresenta a história de amor, separação e união de um homem e uma mulher, que não são nomeados e que vivem em uma aldeia que possui uma ética muito própria, remetendo-nos, por exemplo, às aldeias dos contos de Miguel Torga. Logo no início da história é possível conhecer o perfil da personagem masculina, um desbravador de mundos e apaixonado pela terra e pelo que ela poderia oferecer, até que conheceu aquela que seria a sua companheira e por quem possivelmente fincaria raízes. Ela, descrita como alguém ativa, mas que possuía um silêncio que era como ouro, exaspera-se ao ouvir do amado que “Competiam-lhe andanças, traçar as linhas finais de um mapa cuja composição havia se iniciado” (Piñon, 1989, p. 107) e, além disso, “Explicou à mulher que para amar melhor não dispensava o mundo, a transgressão das leis, os distúrbios dos

pássaros migratórios. Ao contrário, as criaturas lhe pareciam em suas peregrinações simples peças aladas cercando alturas raras” (Piñon, 1989, p. 107). O desejo de partir manifestado por ele desencadeia nela o desespero, ainda que o amado tivesse assegurado que com ela havia conhecido o paraíso. O que resta à mulher é o choro como forma de convencê-lo a ficar, ainda que, conforme afirma o narrador, ela estivesse naqueles dias com uma beleza esplêndida.

O que se vê, então, na primeira parte do conto, é uma descrição de ações muito presas aos comportamentos socialmente aceitos em relação ao homem e à mulher: ele, mesmo casado, pertencia ao mundo e suas experiências estavam ligadas ao externo, ela, ainda que tivesse a sensibilidade e a beleza como armas para convencê-lo, aceitou resignada as decisões do amado e resolveu enclausurar-se dentro da casa até que ele retornasse, “Como os caramujos que se ressentem com o excesso da claridade” (Piñon, 1989, p. 107), distanciando-se de todos da aldeia e presa a uma vida monótona e solitária, como uma espécie de Penélope à espera de Ulisses.

As poucas visitas de alguns parentes que chega a admitir em sua casa eram apenas “para que vissem o homem ainda imperar nas coisas sagradas daquela casa.” (Piñon, 1989, p. 108). A cor triste do vestido e as flores sempre postas ao lado do retrato do homem significavam um modo de manter ali a sua presença e deixar manifestado o sentimento de dor diante da ausência física. Há que se notar ainda que o vazio deixado por ele não apenas afeta o modo de ser da mulher, mas também o da própria aldeia onde viviam. Os presentes e galanteios que ela passa a receber dos homens do lugar são fruto de uma não-aceitação por parte dos moradores locais em relação à partida dele. Isso comprova como os papéis sociais estavam muito bem delimitados: ela, enquanto mulher, deveria manter-se em seu restrito ambiente doméstico e presa aos afazeres típicos e ele ser o responsável pela ordem, proteção e o sustento do lar. Porém, com a partida dele, nota-se o quanto uma desestabilização dessas posições poderia ser perigosa para o bem-estar e a ordenação do lugar e que, por isso, seria melhor vê-la livre daquela antiga relação, conforme é possível entrever no trecho seguinte:

Em toda a aldeia a atitude do homem representou uma rebelião a se temer. Seu nome procuravam banir de qualquer conversa. Esforçavam-se em demolir o rosto livre e sempre que passavam pela casa da mulher faziam de conta que jamais ela pertencera a ele. Enviavam-lhe presentes, pedaços de toicinho, cestas de pêra, e poesias esparsas. Para que ela interpretasse através daqueles recursos o quanto a consideravam disponível, sem marca de boi e as iniciais do homem em sua pele. (Piñon, 1989, p. 108)

Sem ceder a nenhum dos galanteios e tendo o cuidado de dispensar todos os presentes que recebia, ela fazia questão de mostrar aos poucos que tinham acesso a casa o quanto a presença do homem era uma constante em todos os objetos e coisas sagradas do lugar, porém a passagem do tempo e os dias solitários operaram mudanças que possibilitaram a ela um mergulho em seu próprio ser e um profundo autoconhecimento que culminou numa forte transformação: resolveu mudar a cor do vestido, cortar os cabelos rentes à cabeça e certa noite “retirou o retrato e o jogou rudemente sobre o armário” (Piñon, 1989, p. 109). É

essa consciência de si que desencadeia nela uma experiência com o mundo de modo ainda mais intenso do que a buscada por ele quando partiu. Ela passa a conhecer a sua condição, torna-se autônoma frente a sua própria vida e questiona as decisões tomadas por ele, outrora aceitas com resignação. As vivências dela passam a ganhar uma intensidade que já não cabia no ambiente doméstico, transformando-a em sujeito de sua própria existência, e quanto apenas restava aguardar o sinal, após tantos anos, de que ele estaria morto, eis que batem à porta: “Ela sabia agora que era ele. Não consultou o coração para agitar-se, melhor viver a sua paixão” (Piñon, 1989, p. 111).

Ele retorna com a ânsia de que ela o aguardava e, mesmo sem ser comemorado pela aldeia, tenta encontrar na mulher o amor de outrora. A delicadeza com que ela o recebe é uma tentativa de transparecer a dor da longa espera, por isso beija-o na testa e fala da ausência do seu retrato na casa, o que, de súbito, faz com que ele reaja, “Onde estive então nesta casa [...]” (Piñon, 1989, p. 112), mas seja de imediato desafiado por ela, “procure e em achando haveremos de conversar” (Piñon, 1989, p. 112). Esse fato demonstra o domínio exercido por ele e o desejo de que a vida dela estivesse em suspenso enquanto esteve fora, já que a mulher deveria manter-se saudosa e resguardada até que retornasse. Porém, o retrato quebrado sobre o armário é um fato fortemente simbólico acerca do início de uma desconstrução da relação de dominação do homem sobre ela, que passa da condição de mulher-objeto para a de mulher-sujeito, conforme apontam Casagrande & Zolin (2007), uma vez que a força e aura dominadora que ele, ao partir, tinha sobre ela parece ter desaparecido. O que acontece daí em diante já assinala uma postura de insubmissão e protagonismo da personagem feminina, já dotada do poder do discurso, da manipulação das palavras, o que se opõe diametralmente ao silêncio que tanto a caracterizava no início da narrativa.

Após terem relações sexuais, o homem tenta ainda, como tanto fizera no passado, impor para ela o seu discurso, as suas experiências, não como uma troca, mas como alguém que iria ser capaz de revelar um mundo jamais acessível pra ela, vivências profundas e completamente distantes da monotonia que ele imaginava ter sido a vida dela durante todos aqueles anos em que estivera distante, porém, antes mesmo de iniciar, é abruptamente interrompido pela mulher.

Nesse instante em específico é possível perceber uma subversão dos papéis e a construção da mulher como sujeito de si e de sua própria história, pois enquanto o homem retorna ávido para contar sobre suas andanças e sobre um mundo apenas conhecido por ele, ela apodera-se do discurso e desloca para o espaço da casa o centro do universo, impedindo-o de falar e tecendo narrativas sobre o que seria aparentemente insípido, mas que em seu domínio das palavras ganha beleza e traga dele toda a atenção. Os afazeres da casa são descritos a partir de sua íntima experiência e de um saber que também demonstra para ele o quanto ela havia mudado durante os anos em que estivera distante. Ao se apropriar do discurso ela torna-se sujeito de si e de sua história e consegue se acercar e absorver o mundo que habitou desde a saída do homem, chegando a causar nele inquietações acerca da significação e intensidade do que havia vivido longe de casa:

[...] quanto mais ela adensava a narrativa, mais ele sentia que além de a ter ferido com o seu profundo conhecimento da terra, o seu profundo conhecimento da

terra afinal não significava nada. Ela era mais capaz do que ele de atingir a intensidade, e muito mais sensível porque viveu entre grades, mais voluntariosa por ter resistido com bravura os galanteios. A fé que ele com neutralidade dispensara ao mundo a ponto de ser incapaz de recolher de volta para seu corpo o que deixara tombar indolente, ela soubera fazer crescer, e concentrara no domínio da sua vida as suas razões mais intensas. À medida que as virtudes da mulher o sufocavam, as suas vitórias e experiências iam-se transformando em uma massa confusa, desorientada, já não sabendo ele o que fazer dela. Duvidava mesmo se havia partido, se não teria ficado todos estes anos a apenas alguns quilômetros dali, em degredo como ela, mas sem igual poder narrativo. (Piñon, 1989, p. 114)

A percepção do homem diante do que ouve é significativa para compreender o modo como a narrativa do conto singulariza a experiência da mulher, emancipando-a enquanto sujeito prenhe de um discurso que gera encantamento e que possui validade frente ao mundo. Nessa perspectiva, é importante ainda salientar a leitura de viés filosófico empreendida por Casagrande & Zolin (2007) acerca desse aspecto do conto. Para as autoras, no tocante ao conhecimento adquirido durante as suas andanças, o homem pode ser visto como inferior diante da mulher, isso porque dentro de uma proximidade intertextual entre o conto e a alegoria ou mito da caverna e as ideias platônicas do *sensível* e do *inteligível*, a experiência vivida por ela mostrou-se muito mais intensa e dotada de uma sensibilidade crítica, capaz de transformar o conhecimento e o autoconhecimento adquirido, o *sensível*, em *inteligível*. O homem, mesmo com todas as experiências que teve durante anos pelo mundo, não conseguiu assimilar as vivências de modo profundo e para além da aparência, ficando sempre no limiar das coisas e por isso apenas preso ao interior da caverna, ao *sensível*. Talvez por isso a dúvida dele sobre o que acreditava ter vivido, o que faz com que levante a hipótese sobre nunca sequer ter saído da aldeia/caverna.

Enquanto “Ela não cessava de se apoderar das palavras, pela primeira vez em tanto tempo explicava sua vida, tinha prazer de recolher no ventre, como um tumor que coça as paredes íntimas, o som da sua voz” (Piñon, 1989, p. 115), ele resolve rasgar o próprio retrato, num ato que simboliza a necessidade de uma reconstrução da identidade masculina frente a uma recém construída identidade feminina. O conto então sinaliza uma complementaridade de identidades sem que uma seja sobreposta a outra, num trânsito em que a mulher passa a pertencer a um universo que outrora era estritamente masculino e em que a personagem masculina percebe a importância de habitar uma espaço que seria apenas da mulher, conforme sugere o desfecho da narrativa:

Ele jogou o retrato picado no lixo e seu gesto não sofreu ainda desta vez advertência. Os atos favoreciam a claridade e, para não esgotar as tarefas a que pretendia dedicar-se, ele foi arrumando a casa, passou pano molhado nos armários, fingindo ouvi-la ia esquecendo a terra no arrebato da limpeza. E, quando a cozinha se apresentou imaculada, ele recomeçou tudo de novo, então descascando frutas para a compota enquanto ela lhe fornecia histórias indispensáveis ao mundo que precisaria apreender uma vez que a ele pretendia dedicar-se para sempre. Mas de tal modo agora arrebatava-se que parecia distraído, como pudesse dispensar as palavras encantadas da mulher para adotar afinal o seu universo. (Piñon, 1989, pp. 115-116)

É desse modo que a narrativa do conto de Nélide Piñon desestabiliza as noções de feminino e masculino e põe em xeque os essencialismos que tentam impor a homens e mulheres papéis fixos dentro da sociedade e consequentemente ao longo da história. Num contexto em que a mulher ainda é vítima de preconceitos, faz-se salutar ver o modo com a literatura discute e empreende uma mudança de pensamento em relação à segregação e hierarquia que há entre os gêneros. Assim, a personagem masculina, ao admitir a sua derrota frente a uma apreensão de mundo tão intensa e inteligente atingida pela mulher, contribui para desarticular os valores sociais que historicamente estão associados a homens e mulheres. Sendo que, nesse jogo de papéis, as experiências privadas, quase sempre relegadas ao sexo feminino, são postas como de menor importância em relação às vivências externas masculinas. Ele, ao começar a fazer as tarefas que ela repetidamente realizou ao longo dos últimos anos, deixa de lado seu orgulho e demonstra a superioridade dela, que inclusive se dispôs a ajudá-lo sem que isso significasse um modo de subjugação ou humilhação. Ao situar-se em um espaço não nomeado e trazer personagens com identidades pouco demarcadas, a narrativa do conto parece nos dizer sobre os equívocos diversos que ainda pairam sobre a naturalização das relações de poder entre homens e mulheres em inúmeros ambientes e sobre a necessidade de uma complementaridade e equilíbrio dentro dessas relações para que sejam cada vez mais possíveis avanços a um patamar histórico e social, talvez, mais sábio e justo.

Referências bibliográficas

- Beauvoir, S. (2009). *O segundo sexo: II a experiência vivida* (2ª ed.). São Paulo: Difusão Européia do Livro.
- BHabha, H. K. (1998). *O local da cultura*. Tradução de Myrian Ávila, Eliana Lourenço Reis e Gláucia a Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- Casagrande, S.; Zolin, L. (2007). A representação da mulher no conto “Colheita”, de Nélide Piñon: mulher emancipada. *Revista Acta Sci. Human Soc. Sci.*, Maringá, 29 (1), 15-22.
- Perrot, M. (2007). *Minha história das mulheres*. Tradução de Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto.
- Piñon, N. (1989). *Sala de armas* (3ª ed.). Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves.
- Schmidt, R. T. (2016). *Historiografia Literária e discurso crítico: memória e exclusão*. Disponível em: <http://www2.mshs.univ-poitiers.fr/crla/AV/CONFERENCIAS/Schmidt.html>. Acesso em 20 maio 2016.
- Spivak, G. C. (2010). *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora da UFMG.
- Zolin, L. O. (2004). Crítica feminista. In T. Bonnicci & L. O. Zolin (Orgs.), *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: EDUEM.

Resumo

O objetivo neste trabalho é apresentar uma leitura do conto *Colheita*, da escritora brasileira Nélide Piñon, na perspectiva da construção de uma vertente da história a partir do olhar feminino. Ao desconstruir essencialismos acerca das marcações do feminino e masculino, a narrativa do conto revela a possibilidade de uma abordagem das experiências sociais a partir de uma ótica desestabilizadora, subvertendo noções acerca do protagonismo feminino ao longo dos séculos. Por meio de uma linguagem lírica e conduzido por um narrador em 3ª pessoa, o leitor conhece as vivências da protagonista à espera do retorno do amado. Essa personagem feminina através de um mergulho íntimo consegue reconstruir uma identidade para si nesse

processo de espera, e, conseqüentemente, uma nova visão sobre a sua ligação com o mundo que a circunda. Se à personagem masculina coube a possibilidade de construir uma história a partir das aventuras e experiências vividas ao longo dos anos em que passou distante de casa, à feminina foi dado o poder da inventividade de inscrever-se enquanto sujeito através das suas descobertas diárias e da solidificação de uma identidade forte e independente.

Abstract

The objective of this work is to present a reading of the tale *Colheita*, by the Brazilian writer Nélide Piñon, in the perspective of the construction of a strand of history from the feminine view. By deconstructing essentialisms about the markings of the feminine and masculine, the tale narrative reveals the possibility of approaching social experiences from a destabilizing point of view, subverting notions about feminine protagonism throughout the centuries. Through a lyrical language and led by a third person narrator, the reader knows the experiences of the protagonist waiting for the return of the beloved. This female character through an intimate dive can reconstruct an identity for herself in this waiting process, and consequently a new insight into her connection with the world that surrounds her. If the male character was able to build a story from the adventures and experiences lived through the years in which he passed away from home, the feminine was given the power of inventiveness to register as a subject through his daily discoveries and solidification of a strong and independent identity.